

O conceito da linguagem implícito no texto:

A relação entre metaforologia e teoria da linguagem em Blumenberg

Bernhard Sylla (Universidade do Minho)

1. O conceito da linguagem em geral

No ensaio *Sprachsituation und immanente Poetik*, publicado pela primeira vez em 1966, Blumenberg afirma que cada texto pode ser interrogado quanto ao conceito da linguagem nele implicitamente contido (ÄmS 124). Será, portanto, lícito fazermos nós esta interrogação em relação ao macrotexto de Blumenberg.

O próprio Blumenberg desenvolve aquilo a que chama *conceito da linguagem* ao apresentar três concepções diferentes da relação entre pensamento e linguagem (ÄmS 120ss.), que também podem ser entendidas como paradigmas de teorias da linguagem. (i) Partindo do pressuposto que o pensamento é mais rico e mais abrangente do que a linguagem, cada enunciação necessita de uma interpretação hermenêutica, cuja finalidade consistiria na tarefa de superar a diferença entre a pobreza da linguagem e a riqueza do pensamento. O protagonista desta concepção do conceito da linguagem, segundo Blumenberg, é Cícero. (ii) Partindo do pressuposto que há uma incongruência entre a linguagem e o pensamento, há que combater ou até eliminar a vaguidade da linguagem através da instauração de relações de congruência exactas, ou seja há que proceder à construção de línguas ideais. O protagonista desta concepção do conceito da linguagem, segundo Blumenberg, é Husserl. (iii) Partindo do pressuposto que a linguagem é mais potente do que o pensamento, que é ela que ensina o pensamento a pensar, há que desencobrir todas as premissas incarnadas na linguagem que nos impõem a maneira e o estilo do nosso pensamento. O protagonista desta concepção do conceito da linguagem, segundo Blumenberg, é Whorf. Mesmo que Blumenberg, no contexto desse ensaio, contraponha que todas essas tentativas de classificar o conceito da linguagem se mantêm algo estéreis e estáticas, nunca capazes de retratar bem a dinâmica do falar e da própria linguagem, creio que vale a pena investigar a questão da relação entre a hermenêutica metaforológica (e mítica) de Blumenberg e a teoria da linguagem nela implicada.

Que Blumenberg desenvolve esta relação apenas implicitamente, vê-se pela sua reserva perante um pensamento que quer tematizar directamente a essência ou o

fundamento da linguagem. Em vez de me guiar pela proposta de classificação dos conceitos da linguagem dada por Blumenberg, gostaria de basear as seguintes observações num esquema diferente. Tomo como fundamento as análises desenvolvidas por Cristina Lafont que por um lado distinguem, na tradição de Quine, os dois grandes macroparadigmas do *meaning holism* (o paradigma ‘continental’) e das *teorias de referência* (o paradigma da filosofia analítica anglosaxónica) (Lafont 1999: XIss.), e que por outro lado pretendem mostrar que a filosofia da linguagem humboldtiana está na origem dos diferentes subparadigmas do *meaning holism* (*ibid.* 13-54), visto que Humboldt fornece quatro ‘definições’ diferentes, e entre si até mesmo antinómicas, da essência da linguagem. Num estudo mais detalhado (cfr. Sylla 2009: 113-141) apresentei uma proposta para uma terminologia própria e, segundo o meu ponto de vista, mais propícia para designar os respectivos subparadigmas originados pela filosofia de Wilhelm von Humboldt. Usando esta terminologia, o macroparadigma do *meaning holism*, cujos defensores partem do princípio que o mundo (enquanto mundo humano) é constituído e construído linguisticamente, é dividido em quatro subparadigmas¹:

O macroparadigma do *meaning holism*

- Filosofia do *langage* ou da *hyperlangue* (Kant, Cassirer etc.)
- Filosofia da *langue* (Whorf, Weisgerber etc.)
- Filosofia da *dialogicidade* (Habermas, Apel etc.)
- Filosofia da *parole* (Rorty, Simon etc.)

O macroparadigma das teorias de referência

- *Ideal Language Philosophy* (Carnap, Frege, Husserl etc.)
- *Ordinary Language Philosophy* (Moore, Ryle etc.)
- *A precariedade da referência* (Mauthner, Wittgenstein II, Quine etc.)
- *Internal Realism* (Putnam, Donellan)
- etc.

FIGURA 1

A subclassificação do macroparadigma do *meaning holism* conduz-nos portanto a quatro subtipos ou subparadigmas, que devem ser entendidos como *núcleos prototípicos*. Cada núcleo prototípico refere-se a traços considerados essenciais da linguagem, e cada teoria da linguagem tende a *favorecer* um destes núcleos, embora não

¹ A classificação das teorias de referência não pretende ser exaustiva, e desempenha aqui apenas a função de exemplificar a distinção geral a nível dos macroparadigmas.

exclusivamente, verificando-se frequentemente a tendência para a combinação de dois núcleos.

Segundo este esquema, o enfoque na *hyperlangue*² corresponde, de maneira geral, a uma teoria orientada na *competência*, tendendo a identificar o factor mais importante da linguagem ou com a razão humana, enquanto *organon* universal do pensamento, ou com um *logos* supraindividual (e.g. Cassirer) ou com a competência linguística (e.g. Chomsky). O enfoque na *langue*³ corresponde a teorias que partem do princípio que a estrutura da respectiva língua materna determina o modo de pensar dos seus falantes (e.g. Whorf). O enfoque na *dialogicidade*⁴ parte do princípio que a linguagem, enquanto nexos de actos de fala, se prende, em última instância, ao debate e à negociação racional sobre as verdadeiras pretensões de validade levantadas por cada

² Cfr. aqui uma passagem exemplificadora – por ser de fácil entendimento para o leitor português apresento nesta e nas seguintes três notas de rodapé traduções já existentes em língua espanhola – onde Humboldt destaca o traço essencial do aspecto do *langage* / da *hyperlangue*: “El lenguaje me pertenece a mí porque yo lo produzco de la manera como lo hago; y como el fundamento de que lo haga así está al mismo tiempo en el hablar y haber hablado de todos los linajes humanos, en la medida en que entre ellos haya podido haber comunicación lingüística no interrumpida, es el lenguaje mismo el que me impone sus constricciones. Sólo que lo que en él me constriñe y determina ha entrado en él desde una naturaleza humana íntimamente ligada a mí, de modo que lo extraño en él sólo es tal para mi naturaleza individual momentánea, no en cambio para mi verdadera naturaleza originaria.” (Humboldt 1990: 87).

³ Cfr. aqui uma passagem exemplificadora onde Humboldt destaca o traço essencial do aspecto da *langue*: “En lo esencial, incluso se podría decir que **de una manera exclusiva**, por cuanto sensación y acción dependen de las imágenes que el hombre se forma de las cosas, el hombre vive con los objetos de la manera como el lenguaje se los presenta.” (Humboldt 1990: 83; destacado B.S.)

⁴ Cfr. aqui uma passagem exemplificadora onde Humboldt destaca o traço essencial do aspecto da *dialogicidade*: “Sin embargo, en la esencia originaria del lenguaje subyace un inerradicable dualismo y la posibilidad misma de hablar está condicionada por la apelación y la réplica. [...] La palabra tiene, pues, que cobrar esencialidad en un oyente y replicante. Este prototipo de todas las lenguas lo expresa el sistema de pronombres personales mediante la distinción entre la segunda y la tercera persona. *Yo* e *él* son, en y por sí mismos, distintos en cuanto se piensa en uno de ambos; objetos necesariamente opuestos entre sí y con los que también queda todo agotado, pues expresado en otras palabras estos son *yo* y *no-yo*. *Tú* es un *él* enfrentado al *yo*. Mientras que el *yo* y el *él* descansan en la percepción interna y la externa, respectivamente, al *tú* subyace la espontaneidad de la elección. Es también un *no-yo* pero no, como el *él*, en la esfera de todos los seres, sino en una esfera distinta, en la de la acción realizada en común. Al *él* subyace, por ello, además del *no-yo*, también un *no-tú* y no está meramente enfrentado a uno de ellos, sino a ambos.” (trad. de: Lafont 1963: 58ss.).

locutor (e.g. Habermas). O enfoque na *parole*⁵ parte do princípio que a *langue*, ou seja a linguagem enquanto estrutura ou sistema, pode ser modificada e até revolucionada e transformada mediante usos estético-criativos, simultaneamente poéticos e poiéticos, da linguagem. Estes usos heterodoxos não apenas revolucionariam as normas do sistema *langue*, mas estariam, para além disso, na origem de alargamentos e mudanças do horizonte da interpretação humana do mundo (e.g. Simon). O esquema da Figura 2 apresenta algumas características metódicas e hermenêuticas das teorias da linguagem que resultam dos respectivos enfoques nos diferentes traços essenciais prototípicos.

O macroparadigma do *meaning holism*

	orientação metódica	tipo de hermenêutica
Filosofia do <i>langage</i> ou da <i>hyperlangue</i>	- orientação no sistema - problematização da transcendentalidade	- a hermenêutica como descoberta do universal
Filosofia da <i>langue</i>	- orientação no sistema - estruturalista	- a hermenêutica como comparatística universal - hermenêutica das estruturas
Filosofia da <i>dialogicidade</i>	- pragmaticista com fundamentação sistemática	- a hermenêutica como interpretação, justificação e negociação de pretensões de validade
Filosofia da <i>parole</i>	- esteticista - interpretação de textos	- a hermenêutica do poético

FIGURA 2

⁵ Cfr. aqui duas passagens exemplificadoras onde Humboldt destaca o traço essencial do aspecto da *parole*: “En la manera como la lengua se modifica en cada individuo se pone de manifiesto, en dirección opuesta al poder [em alemão: *Macht*; B.S.] de la lengua sobre él antes expuesto, el poder [em alemão: *Gewalt*; literalmente: *violência*; B.S.] del hombre sobre la lengua. El poder [*Macht*; B.S.] de la lengua podría calificarse de influencia fisiológica (aplicando este término al dominio de la fuerza del espíritu); el poder [*Gewalt*; B.S.] que parte del hombre es en cambio puramente dinámico. En la influencia que la lengua ejerce sobre el individuo estriba la regularidad de su estructura y de sus formas; el efecto del individuo sobre la lengua contiene un principio de libertad.” (Humboldt 1990: 88s.). “No obstante, cabe pensar en la posibilidad de aplicar una forma fónica ya existente a los cometidos internos de la lengua también en períodos medios de la formación lingüística. Tanto por su inspiración interior como por la influencia favorable de las circunstancias externas, un pueblo puede conferir a la lengua que ha recibido una forma tan distinta da la que tenía que de hecho la convierta en una nova lengua, diferente de la anterior.” (*ibid.* 108).

Baseando-me neste pano de fundo teórico, pretendo demonstrar que o conceito da linguagem implícito no macrotexto blumenberguiano focaliza dois dos núcleos prototípicos apresentados, subscrevendo para além disso, se bem que não de uma maneira simples, o macroparadigma do *meaning holism*.

2. O *meaning holism* em Blumenberg

Do meu ponto de vista, é legítimo inserir Blumenberg no macroparadigma do *meaning holism*.⁶ A tese básica do *meaning holism*, segundo a qual a função da linguagem não consiste em representar a realidade, mas antes em criar e constituir a realidade, está bem patente na obra de Blumenberg. No já mencionado texto de 1966, *Sprachsituation und immanente Poetik*, Blumenberg diz em relação a este assunto:

“A realidade já não pode ser concebida como uma qualidade adjunta às coisas dadas, ela é antes, e essencialmente, a consistência homogénea e congruente duma *sintaxe de elementos*. A realidade apresenta-se-nos, desde sempre e para sempre, como uma espécie de texto, que é constituído precisamente pelo facto de obedecer a regras de uma consistência interna. A realidade, na Modernidade, é um contexto; [...].” (ÄmS 64)

Para Blumenberg, este contexto é feito de metáforas. O nexos textual e transtextual de metáforas cria, segundo Blumenberg, um “segundo mundo” (ÄmS 64), que entra em confronto e em concorrência com o mundo da Natureza, tornando questionável o conceito da Natureza ou da realidade simples ou pura. Se bem que se possa dizer que para Blumenberg a perspectiva fisicalista, tal como a perspectiva cosmológica que se baseia na noção da entropia ou da eterna indiferença do cosmos, tem uma função decisiva sobre o rumo da história dos mitos, é por outro lado o homem através da criação do seu próprio potencial de sentido que tenta superar e contrariar o grande *nihil* cósmico.

⁶ Se bem que esta tese seja legítima, ela é também questionável, se tivermos em conta, a título de exemplo, a opinião de Wetz segundo a qual a posição fundamental de Blumenberg seria algo semelhante ao fisicalismo de Quine (cfr. Wetz 1996: 169s.).

3. Interpretação e *parole* como acto de ‘violência’ (poder linguístico)

No âmbito do macroparadigma do *meaning holism*, o subparadigma da *parole* assenta na tese fundamental de que é impossível determinar o sentido dos actos de fala unicamente pelas regras ou normas inscritas no sistema da *langue*. Os actos de fala verdadeiramente essenciais são, por um lado, aqueles capazes de criar novas redes de significação, num sentido eminentemente poético, e por outro lado aqueles que exercem um poder ‘violento’ (na terminologia humboldtiana)⁷ sobre a *langue* por serem capazes de a transformar, de a forçar a mudar as suas regras ou normas.

Será que se poderá entender Blumenberg como filósofo da *parole*, no sentido que acabámos de descrever? Eu creio que sim e não. Em todo o caso, a resposta não é simples e necessita de uma análise mais diferenciada.

Por um lado, Blumenberg apresenta-se-nos sobretudo como historiador, e decerto de uma forma brilhante e extremamente culta. A matéria deste historiador são os mitos e as metáforas, e as suas transformações e mutações ao longo da história interpretativa humana. As grandes revoluções e quebras nas respectivas concepções do mundo devem-se, segundo Blumenberg, primeiramente à redistribuição dos papéis dos elementos constitutivos de uma cena ou de um cenário (poderíamos, à maneira de Fillmore, também falar de *frames*) que está na base daquilo que a metáfora é em si. Blumenberg interpreta as mudanças essenciais, ou no sentido humboldtiano ‘violentas’, como acto genial de um *re-arrangement* ou como invenção de uma nova combinação dos elementos de um certo cenário imagético (*frame*). A ‘violência’ enquanto acto próprio da *parole* é tematizada por Blumenberg apenas em relação à última fase da história humana, ou seja à era da Modernidade e pós-Modernidade. Nesta última fase do nosso percurso histórico encontramos-nos na situação em que a nossa própria ânsia de construir novos mundos e de reescrever as antigas metáforas, aparentemente, se esgotou. E é precisamente nesta situação que a ‘violência’ da *parole* ocupa em Blumenberg uma função bem visível, facto que gostaria de mostrar analisando algumas poucas passagens da obra de Blumenberg. No já mencionado texto *Sprachsituation und immanente Poetik* de 1966, Blumenberg associa o acto da *parole* ‘violenta’ à Poética, enquanto lugar propício para usos linguísticos inovadores:

⁷ Cfr. relativamente a este assunto a nota de rodapé 5.

“Se pressupomos que a linguagem é um potencial de polissemia que, no âmbito dos estreitos caminhos da pretensa e por vezes necessária inequívocidade informativa, se mostra útil apenas muito forçadamente, revelando, para além disso, também nos diálogos uma utilidade restritiva, pois o diálogo apenas funciona ao colmatar uma série de vaguidades e desentendimentos de idiomas por assim dizer >indicativos<, pressupondo então isto, segue-se daí que a linguagem poética corresponde à libertação da tendência polissémica imanente à linguagem. Este ofuscar da polissemia, porém, não é nem a salvação dos fragmentos de uma misteriosa linguagem originária, nem a salvaguarda da suposta riqueza da linguagem corrente, pois esta última, em vez de albergar uma verdadeira polissemia, mais não é do que uma certa falta de clareza, que se colmata pela funcionalidade do princípio de tolerância.” (ÄmS 126)

O apelo à libertação da polissemia não se deve confundir, segundo Blumenberg, com a habilidade de saber usar e entender a polivalência dada pela *langue*, mas antes como um apelo que anseia por uma polissemia diferente, como mostra claramente a seguinte passagem:

“Ao descrever a poetização como tendência da própria linguagem, entendemos o momento poético não como qualidade inerente ou característica de possíveis opções, mas antes como um acréscimo à língua que se tornou real e possível somente no nexo funcional desta precisa obra poética. A tendência da poetização nunca pretende descobrir sentidos ou significados já existentes, por mais originários que estes fossem, – isto seria a tarefa de uma Quase-Linguística poética –, mas antes pretende construir novos significados.” (ÄmS 127)

O emprego das expressões *acrécimo* (*Zugewinn*) e *construir novos significados* (*Bildung neuer Deutigkeiten*) mostra que estamos perante um caso de amplificação da *langue*, ou seja de instalação de novos valores linguísticos que não deixam imune o próprio sistema da *langue*.

Indo mais longe no rasto deste caminho, a *parole* poético-‘violenta’ chega a um ponto (e neste âmbito Blumenberg faz referência a Mallarmé, Valéry, Kafka e outros) em que entra numa zona-limite, nomeadamente quando adquire a função de servir como saída da própria *langue*. Nesta zona esbatem-se as diferenças entre a novidade linguística desmedida e o mero não-sentido. Segundo Blumenberg, é a própria *langue* enquanto normatividade que, reagindo ao desafio da *parole*, mostra o seu poder (*Macht*), castigando o delinquente, a *parole* ousada, ao exigir que se cumpra pelo menos um grau mínimo de entendibilidade. Blumenberg assume, neste assunto, a seguinte posição:

“A tendência para a multissemia chega a um ponto a que podemos chamar >acontecimento limite<, em que o serviço da língua já não funciona. Não pretendo afirmar que seja precisamente neste acontecimento limite que se encontra o valor máximo da potencialidade estética, não obstante a linguagem poética ganhar em encanto estético quanto mais perto do perigo estiver. Encontrando-se neste perigo, a atenção virada para a linguagem nota e sente a ameaça de já não fazer sentido nem esgotar a margem da polissemia, nem preocupar-se com a questão da coerência entre potencialidade múltipla e contexto.” (ÄmS 128)

Com este perigo na mira, Blumenberg apela para não ir além dos dois limites onde se abandona a função semântica da linguagem, a polissemia por um lado, e a não-interpretabilidade extrema que leva ao não-sentido por outro. Eis a conclusão blumenberguiana: “A pura escuridão seria o fim da poesia, não menos da poesia obscura.” (ÄmS 130).

Se bem que Blumenberg, nas passagens citadas, fale apenas da linguagem enquanto linguagem poética, há outras passagens que mostram que ele também se refere à linguagem em geral. Reflectindo, nas passagens finais do ensaio *Naufrágio com Espectador*, sobre a metáfora de Neurath, originalmente virada contra Carnap, onde uma qualquer renovação do barco *linguagem* nunca pode ser feita de uma vez, mas antes em contínuas remodelações no alto mar, tratando-se nesta metáfora portanto da linguagem enquanto língua ou *langue* em geral, as observações de Blumenberg, ao contrário daquilo que anteriormente foi dito, parecem favorecer o ir para além dos limites da *langue* entrando na zona do poder ilimitado da *parole*. Será que é possível renovar o barco *língua* através da invenção de metáforas cujo material nunca fez parte do barco? Blumenberg escreve:

“Pensar o início significa, portanto, no contexto da metáfora: imaginar uma situação sem o barco de apoio da linguagem natural e, abstraindo da sua capacidade de carga, mediante experiências de pensamento imaginar *as acções com as quais – se nos encontrássemos a nadar no meio do mar da vida – poderíamos construir uma jangada ou um barco*. A nostalgia demiúrgica à Robinson dos Tempos Modernos está presente também no ofício do construtivista que abandona pátria e herança para fundar a sua vida no desnudado nihil do salto para fora do barco. A sua aflicção marítima artificiosa não é originada pela fragilidade do barco, que em si é já um estado derradeiro de longas construções e remodelações. No entanto, **o mar contém com certeza outro material que não o já utilizado na construção.**” (NcE 100s.; destacado B.S.)

Será que Blumenberg subscreve aqui que é possível saltar para fora da linguagem, derrubar de uma vez por todas o sistema da *langue* e construir um novo barco com material até agora desconhecido? Na última frase do ensaio, logo a seguir à passagem citada, vê-se que Blumenberg, fiel a si mesmo, decide recuar. De onde, pergunta ele, poderia vir este material desconhecido? Talvez de naufrágios anteriores? A figura estilística da pergunta retórica servir-nos-á como ponte para a última questão a tratar, nomeadamente a da função equilibrante da Retórica em Blumenberg.

4. O princípio retórico da dialogicidade e a sua função interventiva

Ao que parece, o salto da *parole* ‘violenta’ para fora da *langue* não se deixa realizar. Em consonância com isso, Blumenberg defende, a partir dos anos 60, princípios mais sensatos, aptos para justificar a renúncia ao poder máximo e ao mesmo tempo destrutivo da *parole*. O absoluto, segundo Blumenberg, não serve para contrabalançar o outro absoluto, a tremenda indiferença do cosmos esvaziado. Quão mais explícita e radical é a reflexão sobre a linguagem, maior a sua tendência para o extremo, mais perto está do falhanço. Nem a monossemia cientifista por um lado, nem a polissemia extrema proclamada pela estética da recepção por outro, nem a desconfiança total wittgensteiniana na linguagem corrente por um lado, nem a confiança heideggeriana na linguagem do *Ereignis* por outro, nos podem ser úteis na nossa actual situação histórica. O que resta pois à filosofia é apelar para uma polissemia controlada, cujo fundamento Blumenberg descobre na Retórica:

“Mas apenas no espaço entre a programação idealizante da linguagem, direccionada para o dizível, e o rebentamento da estrutura da língua, direccionado para o indizível, desabrocha a verdadeira eficácia do falar, nomeadamente quando este se manifesta como sistema regulativo em constante mudança e flutuação, sustentado pela sociedade comunicativa.” (ÄmS 125s.)

Tomando em crescente atenção os padrões teóricos da antropologia à maneira de Gehlen, Blumenberg confere, já nos inícios dos anos 70, à Retórica o papel decisivo de compensar não só a carência fisiológica da espécie humana, mas também a impossibilidade de chegar, linguisticamente, a últimas verdades (ÄmS 406ss.). A Retórica, assim reza Blumenberg, é a disciplina ulterior e ‘tardia’ da Filosofia, a única que ainda sabe responder àquela situação em que o acesso a um qualquer absoluto que

pudesse figurar como primeiro e último fundamento está, de uma vez por todas, impossibilitado.

Na linha desta argumentação, Blumenberg proclama teses que, surpreendentemente, apresentam fortes semelhanças com as posições quase simultaneamente elaboradas por Habermas e Apel:

“O agir é a compensação da indeterminação do ser humano, e a Retórica consiste no trabalho árduo de chegar a consensos, que devem substituir o arsenal por assim dizer substancial de normas, tornando desta forma possível um qualquer agir. Deste modo, a linguagem não é nenhum instrumento para transmitir conhecimentos ou para fixar a verdade, mas é antes e primordialmente um meio para chegar a um consenso, para conseguir o consentimento ou a tolerância, imprescindível para aquele que age. Aqui enraíza-se o conceito do *consensus*, formando a base para tudo que é >real< [*wirklich*].” (ÄmS 410)

Utilizando a terminologia de Habermas, poderia constatar-se que, em Blumenberg, as instituições compensatórias se constituem através da negociação racionalmente justificada de pretensões de validade. A Retórica, segundo Blumenberg, não apenas funda instituições onde faltam as evidências (cfr. ÄmS 411), mas ela fornece sobretudo a técnica e os métodos para tornar consciente “a eficácia dos actos de fala, precisamente porque **explica em que consiste a acção** destes mesmos actos de fala.” (ibid. 412, destaque B.S.). E é precisamente nesse acto de tornar consciente o poder ilucionário dos actos de fala em que consiste o ponto crucial das pragmáticas tanto de Habermas como de Apel.

Contudo, não seria de todo correcto situar Blumenberg, em última instância, no núcleo paradigmático (habermasiano) da *dialogicidade*. A confiança absoluta na força dos argumentos e na *ratio* enquanto garante último da possível legitimidade dos argumentos corre o perigo de não tomar em conta o carácter mítico de cada consenso racionalmente alcançado. E para além disso, o mito não é uma instância satisfatoriamente indagável. O mito, ou mito-logos, não é em Blumenberg nenhuma instância que se possa completar em perfeição, tal como Cassirer o esperava da construção de um *Logos* uno e universal. E mesmo se Blumenberg parece defender uma versão atenuada desta visão, quando afirma que, dado o facto da impossibilidade de levar a cabo o *mito em si*, a menos que se pudesse tentar levar a cabo um *mito entre outros*, ele refere-se precisamente àquele mito pós-moderno que, à maneira da poesia resignativa de um Mallarmé, um Beckett ou um Kafka, se baseia na convicção de que a

única acção poética e linguística que nos resta é fazer calar o próprio mito, continuando a viver na ressonância deste calar. Parece então que se abra aqui um dilema entre duas tendências em Blumenberg, a primeira que aposta na sensatez, confiando na força do melhor argumento, e a outra que se vê, pela força do percurso histórico da hermenêutica humana, remetida à região da *parole* autodestrutiva e destruidora da *langue*. Uma possível superação do perigo inerente ao poder desenfreado da *parole* vislumbra-se não só no título da obra *Arbeit am Mythos* (ao que corresponde em português a forma verbal no gerúndio, i. é *trabalhando o mito*), mas também na sua última frase:

“E se fosse possível dizer mais alguma coisa?” (AM 689)

Ao que parece, Blumenberg quer continuar a confiar tanto no poder de uma *parole* ‘violenta’ que não seja de todo autodestrutiva mas antes continue o seu trabalho de construir mitos, como também na necessidade da procura racional de consensos. Se bem que uma variante não exclua, desde logo, a outra, a concorrência das duas ‘saídas’ mantém em Blumenberg um certo carácter dilemático que o próprio Blumenberg nem sequer quis resolver, sabendo que um tal objectivo seria certamente destinado ao naufrágio.

Bibliografia

Blumenberg, Hans (1990), *Naufrágio com Espectador. Paradigma de uma metáfora da existência*, pref. de José A. Bragança de Miranda, trad. de Manuel Loureiro, Lisboa: Veja [NcE]

Blumenberg, Hans (1996), *Arbeit am Mythos*, Sonderausgabe, Frankfurt/M: Suhrkamp [AM]

Blumenberg, Hans (2001), *Ästhetische und metaphorologische Schriften*, Auswahl und Nachwort v. Anselm Haverkamp, Frankfurt/M.: Suhrkamp [ÄmS]

Humboldt, Wilhelm von (1990), *Sobre la diversidad del estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad*, trad. y pról. de Ana Agud, Barcelona: Anthropos

Humboldt, Wilhelm von (1996), *Werke in fünf Bänden*, Bd. III: *Schriften zur Sprachphilosophie*, hrsg. v. Andreas Flitner und Klaus Giel, 8. Aufl., Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft

Lafont, Cristina (1963), *La razón como lenguaje: una revisión del "giro lingüístico" en la filosofía del lenguaje alemana*, Madrid: Visro Dis

Lafont, Cristina (1999), *The Linguistic Turn in Hermeneutic Philosophy*, translated by José Medina, Cambridge, Mass./London: The MIT Press

Sylla, Bernhard (2009), *Hermeneutik der langue: Weisgerber, Heidegger und die Sprachphilosophie nach Humboldt*, Würzburg: Königshausen & Neumann

Wetz, Franz Josef (1996), *Hans Blumenberg. La modernidad y sus metáforas*, trad. de Manuel Canet, València: Edicions Alfons el Magnànim